



A música encontra-nos nas imagens de Priscila Fernandes

Com dois novos trabalhos em vídeo, regressa a Portugal para afirmar a força utópica da música e das experiências colectivas. No Batalha, no Porto, até 29 de Novembro, e na Solar, em Vila do Conde, até ao próximo dia 8.

José Marmeleira

Está uma tuba no relvado ainda verde. Só, mas não abandonada. Vemo-la decorada com autocolantes de várias cores, quando escutamos uma voz -off feminina, presumimos que da mulher que toca o instrumento. Diz-nos que faz parte da Street Noise Orchestra, de Innsbruck (Áustria), e que o seu colectivo toca em manifestações contra os governos e partidos de direita. “Também gostamos de encher a rua com música e alegria para que as pessoas se abram mais às mensagens políticas que passamos”, acrescentará. Só neste depoimento, que podemos encontrar numa das partes da instalação *There are no radical futures*, de Priscila Fernandes (Coimbra, 1981), parecem ecoar

as promessas utópicas que Ernst Bloch ou Jean-Louis Comolli ouviam na música, especialmente aquela feita e ouvida em conjunto.

Trata-se de um momento de uma sequência de 30 minutos, filmada em Paris, em 2025, pela artista, e que podemos ver no Batalha Centro de Cinema, no Porto. Na companhia deste filme, encontramos outros dois que mostram os desfiles das fanfarras pelas ruas de Paris, enquanto o olhar de Priscila vai recortando rostos, corpos, sorrisos. Há gente que toca, que dança, que sopra, que se ajoelha, que se abraça, que se levanta, que canta. Há melodias e ritmos que reconhecemos da história e do passado. Ao todo, estiveram em Paris 19 fanfarras, vindas de várias cidades europeias. “Nessa altura já estava a fazer o outro filme [*Fanfare 2025*], e um amigo, o músico e artista Fran MM Cabeza de Vaca, falou-me deste desfile que decorreria durante quatro dias. Decidi ir e investigar. Levei uma câmara e um microfone.”

A viver há vários anos nos Países Baixos, onde dirige o departamento de Belas-Artes BEAR [na ArtEZ University of the Arts, em Arnhem], Priscila Fernandes encontrou-se com o Ípsilon no foyer do Batalha. Ao nosso lado, foi revisitando e, sempre que as pausas se impu-

nam aos trompetes e à percussão, comentando a origem e o significado das imagens e da música.

“Estas fanfarras têm como motivo a intervenção política. As questões do clima, da ecologia, o combate ao racismo, a defesa dos direitos da comunidade LGBT”, diz, antes de a música voltar. A artista chama a atenção para o primeiro segmento da instalação. Escutam-se, agora, as perguntas, as dúvidas, as inquietações. O que fazer diante de tantas guerras?

O vídeo que documenta os desfiles tem a duração de uma hora, e nele podemos compreender o sentido das expressões “terrorismo harmónico” e “delinquência acústica”, usadas por Isabelle Lenzi no texto *Quando a água sobe, é preciso tocar mais forte* (publicado no folheto da exposição no Batalha). “A minha estratégia foi não parar de gravar enquanto estivessem a tocar. E quando estava a editar tentei captar essa intensidade.” A artista captou-a, tal o fascínio feliz que provoca. Já o título, sugerimos, parece pouco optimista. “Não é negativo. Não significa que não acreditemos mais neste tipo de manifestações, mas reconhece o poder que já existe nestas comunidades. Significa que não precisamos de pensar em nada mais radical do que estamos juntos através da música de forma a resistir,

transformar e imaginar.”

Priscila Fernandes põe-nos nas mãos uma publicação intitulada *La Fanfare Invisible*, onde encontramos o reportório tocado durante os quatro dias. Trata-se de um caderno em cujas páginas encontramos sinopses de um heterogéneo conjunto de canções: *Bella ciao*, *Le chant des marais* (que se tornaria um hino antifascista), *Dirty old town* (de Ewan MacColl), *Grândola, vila morena*, *Enola Gay*, dos *Orchestral Manoeuvres in the Dark*... Um ritmo frenético de canção agita uma das fanfarras: “Chama-se *Du mouvement social* e é uma composição original do grupo Pavé, escrita nos anos 2000”, comenta a nossa companhia. “Foram três membros desse grupo que fundaram a *La Fanfare Invisible*.”

Ao som dos cânticos, perguntamos pela origem destas fanfarras que desfilam no ecrã. A artista responde que as fanfarras militares e as orquestras filarmónicas podem ser consideradas suas antecedentes. “No Brasil usa-se o termo neofanfarrismo, um acto de apropriar uma prática musical associada ao militarismo à prática de activismo. Há algo de antropofágico nesse gesto.”

O percurso artístico de Priscila Fernandes tem-se caracterizado, pelo menos desde 2012, por um fazer

que concilia a investigação, a curiosidade e o uso de linguagens que respondem aos projectos que se propõe desenvolver.

O trabalho, a actividade de brincar ou as relações entre a história da pintura e as utopias políticas são alguns dos tópicos que têm merecido a sua atenção, com humor e uma percepção aguda dos mecanismos que condicionam a nossa sensibilidade e as nossas mundivisões.

Pela Europa fora

É disso exemplar *Fanfare 2025*, vídeo de 22 minutos que completa a exposição no Batalha e que se descobre, numa instalação de cinco filmes, até 8 de Novembro, na Solar - Galeria de Arte Cinemática, em Vila do Conde. O espectador percebe, com facilidade, que se encontra perante uma ficção. Escuta-se um som de um trompete. É uma jovem rapariga que o toca antes de as imagens dos canais - filmadas na cidade aquática de Giethoorn - conduzirem o espectador, pela água, até ao ensaio de uma banda filarmónica. Não é um ensaio pacífico, alguns músicos troçam dos outros e o caos derrota a cooperação e a harmonia. A música torna-se um meio de agressão, até que uma personagem avisa que estão todos atrasados para o concurso. Vemo-los então





a correr, ou em barcos a caminho dos jurados. O tom é melancólico, os gestos são absurdos, quase desesperados. Porque correm e remam assim? Afinal, o que procuram ou desejam? Lentamente, o som dos instrumentos vai-se distorcendo numa melopeia indistinta e rumorosa. Os músicos [que compõem uma fanfarrinha local de Drenthe, a De Bergklanken] chegam, por fim, ao local da competição. Numa paisagem submersa, uma juíza de olhos vendados aguarda-os para lhes atribuir uma menção honrosa. Deprimida, perdida e dividida, a banda continuará a tocar até ao enigmático e poético plano final.

Questão inevitável: o que despertou o interesse da artista pelas orquestras filarmónicas e as fanfarras? “Quando em 2023 fui viver para uma aldeia de Drenthe, uma amiga, Rieke Vos, apresentou-me ao filme *Fanfare*, de Bert Haanstra, visto que estava muito perto de onde esse filme foi rodado”, recorda. “Daí surgiu a ideia de fazer um *remake*, como forma de conhecer esta nova paisagem e comunidade. O primeiro passo foi pesquisar as fanfarras locais, e foi assim que comecei. Numa primeira visita a uma fanfarrinha, o grupo registou-me de imediato como membro, ofereceram-me aulas e até um saxofone.”

Para compreender, em certa me-

dida, o caminho que levou a artista portuguesa aos canais de água dos Países Baixos, e à sua inclusão numa orquestra, vale a pena recuar mais uma década. Depois de estudar na Faculdade de Belas-Artes do Porto, Priscila Fernandes concluiu o curso em Dublin, no National College of Art and Design, e, em 2010, realizou o mestrado no Piet Zwart Institute, em Roterdão. Em 2011 venceu o Prémio EDP Novos Artistas, no qual apresentou *Product of Play* (2011), filme que explora o modo como os jogos e os brinquedos são instrumentalizados pela cultura.

Toca a acordar

Por esta altura, os temas do jogo, do lazer, do recreio e do trabalho já se lhe colocavam como questões. “Ainda é uma pergunta que me coloco, curiosamente. Creio que tento observar, com os meus trabalhos, a persistência da pressão para sermos cada vez melhores, para um aperfeiçoamento infinito.” O brincar vem contrariar os vícios do jogo, porque não produz nada, nele não há competição, vencedores e vencidos.

Na sequência de uma pesquisa sobre os parques infantis, apresentou, em 2012, os vídeos *For a Better World*, um estudo subtil e irónico da mercantilização do lazer e do jogo

pela Kidzania (que voltaria a ser apresentado no Solar, depois do convite do artista João Onofre), e *To The Playground*, uma reflexão plena de humor num parque de autoria do arquitecto Aldo van Eyck.

A partir de 2014, uma residência em Barcelona, a convite do curador Juan Canela, permitiu-lhe encontrar o legado modernista e utópico do pedagogo catalão Francesc Ferrer i Guàrdia, fundador da Escola Moderna. “Era uma escola independente, laica, com inclinações anarquistas que funcionou entre 1901 e 1909”, conta. “O seu ensino era muito revolucionário para a época. Os rapazes e raparigas estudavam juntos, e nas bibliotecas havia livros sobre colonialismo, ciência e religião com uma visão crítica. Como não encontrei um livro sobre arte, criei *The Book of Aesthetic Education of the Modern School*, um livro e uma instalação apresentados, entre outras instituições, na Fundação Miró, em Barcelona.”

Nos anos seguintes, o interesse pela relação entre a História da Arte do século XX e os movimentos políticos adensou-se. “Fiquei a saber que os artistas neo-impressionistas viam na pintura uma ferramenta de libertação e revolução com base numa ideologia anarquista. Fiquei

Fanfare 2025 no Batalha.
À direita, *There Are No Radical Futures* (no topo) e *What Horses Dream of*

fascinada e fui estudá-los.” Do encontro destas narrativas nasceram instalações como *Against the Enamel* (apresentada no TBG+S, em Dublin) ou *Those bastards in caps come to have fun and relax by the seaside instead of continuing to work in the factory*. Priscila Fernandes voltava à pintura, sem abandonar a instalação e o vídeo, para continuar a estudar os legados da arte nos seus desencontros com a política (por exemplo, nas séries *Never touch the ground* ou *Free. To do whatever we*, incluídas na exposição *Escola de Lazer*, com a curadoria de Marta Mestre, no Centro Internacional das Artes José de Guimarães).

Foi a pintura, próxima do desenho cartunescos, que pudemos ver neste ano, na Dialogue Gallery, em Lisboa, na exposição *News Stand*. “Senti que tinha de ser mais directa. Eram obras que procuravam lidar e processar a dor e a ansiedade de testemunhar, através das notícias, um mundo em colapso”, revela. Tinham de facto uma leveza cômica e, dir-se-ia, nervosa, quase misteriosa, como a cena final de *Fanfare 2025*, onde vemos a artista feita atriz, a emergir da água e a tocar o sininho. Num toque a reunir, delicado e sonoro, dirigido à comunidade. Para que acorde e não se afunde.

“Não precisamos de pensar em nada mais radical do que estarmos juntos através da música de forma a resistir, transformar e imaginar”